

Testemunhas reconhecem policiais

Moradores da invasão identificam oito PMs que teriam participado de operação violenta, em agosto

Cinco testemunhas da violência ocorrida durante uma ação da Polícia Militar na invasão da Estrutural, em agosto último, reconheceram oito policiais militares que participaram da operação que resultou na morte de quatro pessoas, entre elas um PM. O reconhecimento foi feito ontem à tarde no Quartel General da PM, no Setor Policial Sul. Com faixas e cartazes, dezenas de moradores da Estrutural foram ao QG para protestar contra os crimes.

As testemunhas chegaram por volta das 15h e só acabaram o reconhecimento três horas depois. Segundo a PM, foram observados 45 policiais. O desempregado Roberto José dos Reis Filho, 48 anos, o Azul, que foi baleado na cabeça no dia da operação, apontou um policial como participante da ação da PM na Estrutural. "Não vi nenhum daqueles que me espancaram e atiraram em mim", garantiu.

Seqüestro

O eletricitista Jerry Conceição da Rosa, espancado também naquela noite, afirmou não ter reconhecido nenhum dos policiais apresentados ontem, assim como a dona-de-casa Cássia Fernandes, esposa de Luciano Pires de Aquino, 23 anos, seqüestrado e morto no mesmo dia. Rosita Maria Gomes apontou quatro PMs que, segundo conta, invadiram sua casa naquela noite de horror.

Rosita afirma que o major Wolney Rodrigues, administrador da Estrutural, estava no local no dia da operação. "Ele estava no ônibus cheio de PMs e comandou tudo", acusa. Uma outra testemunha — Ismael de Oliveira Caetano, 27 anos — apontou dois policiais que o espancaram na noite da operação. Ele conta que estava dentro

do carro com amigos quando foi agredido sem a menor explicação.

O reconhecimento dos PMs foi requisitado pelo tenente-coronel Celso Deolindo, presidente do IPM (Inquérito Policial Militar). Dos 50 policiais convocados, cinco faltaram ontem, por motivos ainda desconhecidos. O coronel Celso garante que pelo menos 100 PMs participaram da operação.

Até quinta-feira próxima, ele promete remeter o IPM à Justiça. Celso confirmou que, ontem, alguns policiais foram reconhecidos, mas não quis revelar nomes. Isto ainda está sob sigilo. O presidente do IPM diz que pode haver novo reconhecimento, desde que o Ministério Público remeta esse pedido à PM.

Fita

O primeiro reconhecimento ocorreu na Corregedoria da PM. Numa sala separada, as testemunhas, uma a uma, entravam para ver cinco policiais de cada vez, que entravam em outra sala. Os cinco não se encontraram com os PMs nem mesmo na entrada do QG. "Colocaram pessoas totalmente diferentes daquelas que participaram da operação", acusa Jerry.

O coronel Celso contesta. "Pelo menos 90% dos policiais que estavam na fita da TV Globo foram trazidos aqui ontem". Os PMs levados para o reconhecimento são integrantes da 12ª Companhia Independente da PM (CPMind) — Núcleo Bandeirante —, 13ª CPMind — Taguatinga — e da Radiopatrulha, que davam suporte à operação no dia em que três moradores da Estrutural morreram.

MÁRCIA DELGADO

Repórter do Jornal de Brasília



TESTEMUNHAS, como Azul (C), chegaram às 15h e saíram às 18h, após reconhecerem policiais



HOMENS, mulheres e crianças levaram faixas e cartazes para a frente do QG da Polícia Militar

80 moradores fazem manifestação e pedem justiça

Antes de as testemunhas chegarem, um grupo de 80 pessoas desembarcou de dois ônibus no QG da Polícia Militar. Eram homens, mulheres e crianças, que pediam justiça para os culpados pelas mortes na Estrutural ocorridas em agosto. O sentinela do QG, assim que viu as pessoas descenderem do ônibus, tratou de pedir reforço policial. Os manifestantes acabaram ficando do outro lado da pista, sob olhar atento de alguns PMs.

A dona-de-casa Luzia Nascimento, 19 anos, estava entre os manifestantes. Segurava

no colo o seu bebê de apenas um mês de vida e nem parecia se importar muito com a chuva. Ela conta que, no dia da operação, estava grávida e viu toda a movimentação da polícia na Estrutural. "Escutei muitos tiros e fiquei com medo", garantiu.

A também dona-de-casa Maria dos Santos, 26 anos, moradora da mesma quadra de Luciano Pires de Aquino, morto naquela noite, diz que ouviu um tiroteio próximo de casa e que suas crianças, de dois e cinco anos de idade, começaram a chorar bastante.

"Estou aqui hoje (ontem) para pedir justiça para as pessoas que mataram nossos companheiros", justificou.

Escolta

As testemunhas levadas ontem ao QG foram escoltadas por três policiais civis, sendo que dois deles trabalham com o deputado José Edmar (PSDB). O parlamentar se incumbiu de levar as testemunhas, que entraram pela porta da frente do Quartel General. Edmar ficou no QG até o final do reconhecimento.

As testemunhas venceram o medo e fizeram o primeiro reconhecimento desde a abertura do inquérito da PM. Roberto Reis Filho, o Azul, diz que está muito angustiado diante da situação em que se encontra. "Não posso sair na rua. Tenho muito medo de morrer", garante. Jerry da Rosa também teme pela sua vida. A sua esposa está na Estrutural, mas ele saiu de lá, com medo de ser morto.

Assim como Azul e Jerry, Cássia Fernandes, Rosita Gomes e Ismael de Oliveira também tiveram a oportunidade de reco-

nhecer os policiais que promoveram a operação Tornado. "É importante o reconhecimento porque as testemunhas viram os policiais pessoalmente, assim como ocorreu na Estrutural", comentou o coronel Celso Deolindo, presidente do IPM.

O reconhecimento, ontem, foi acompanhado por um representante do Ministério Público do DF, promotor Paulo Gomes. Ele disse que espera o inquérito da PM para abrir uma ação penal. Adiantou também que vai pedir à PM que promova outro reconhecimento dos policiais.(M.D.)

Morte de soldado motivou operação

O soldado da PM Rubens Gomes de Faria foi o primeiro a aparecer morto na Estrutural. No dia seguinte em que seu corpo foi encontrado, a Polícia Militar promoveu uma ação no local, denominada de operação Tornado. Três pessoas desapareceram neste dia. Luciano Pires de Aquino, 23 anos, foi seqüestrado de sua casa por quatro homens, três deles mascarados. O seu corpo foi encontrado dias depois com quatro tiros na cabeça.

Milton de Sá, 29 anos, o Miltinho, também foi assassinado. Levou seis tiros, quatro na cabeça e dois na mão. Miltinho era enteado de José Roberto dos Reis Filho, o Azul, que levou um tiro no pescoço e sobreviveu. A esposa de Azul, Regina Célia do Nascimento, morreu misteriosamente no interior de seu barraco na Estrutural.

José Roberto disse, em depoimento na 3ª Delegacia de Polícia (Cruzeiro), que sua mulher foi espancada por policiais e morreu logo depois. Jerry da Rosa também foi agredido pelos policiais e, desde então, vive se escondendo, com medo de ser morto.

Tanto a Polícia Militar como a Polícia Civil investigam o caso. A 3ª Delegacia de Polícia indiciou alguns PMs, entre eles o comandante da corporação, coronel Souza Pinto.

Mais de 80 policiais foram ouvidos até agora pelo presidente do IPM (Inquérito Policial Militar), tenente-coronel Celso Deolindo. Onze testemunhas também prestaram depoimento na PM e, ontem, cinco delas foram reconhecer os policiais.(M.D.)

Fotos: Geraldo Magela